

As tecnologias como agentes de mudança nas concepções de infância: desenvolvimento ou risco para as crianças?

Elizamari Lúcio Umbelino Mathias*
Josiane Peres Gonçalves**

Resumo

O objetivo desse estudo é investigar como historicamente a infância foi vista pelas sociedades ocidentais, destacando o papel exercido pelas tecnologias na mudança de concepções de infância, evidenciando se elas contribuem para o desenvolvimento ou representam riscos para as crianças. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo com 84 alunos do 5º ano de Naviraí-MS e Aramina-SP. Os resultados indicam que as tecnologias influenciam na mudança de concepção de infância, por permitir que crianças e adultos tenham acesso aos mesmos conhecimentos, podendo representar tanto risco, quanto contribuição para o desenvolvimento infantil, dependendo da maneira em que são utilizadas.

Palavras-chave: Concepção; Infâncias; Tecnologias; Mudanças.

Technologies as Agents of Change in Conceptions of Childhood: Development or Risk for Children?

Abstract

The purpose of this study is to investigate how childhood has historically been viewed by Western societies, highlighting the role of technologies in changing childhood conceptions, showing whether they contribute to development or pose risks to children. A bibliographical and field research was carried out with 84 students from the 5th year of Naviraí-MS and Aramina-SP. The results indicate that the technologies influence the change in the conception of childhood, allowing children and adults to have access to the same knowledge, and may represent both risk and contribution to child development, depending on the way in which they are used.

Key words: Conception, childhoods, technologies, changes.

Introdução

O avanço da globalização tem contribuído para que os mais variados segmentos da sociedade participem da evolução tecnológica, a qual o mundo se encontra na atualidade. E é nesse mundo de base tecnológica que as crianças estão sendo inseridas cada vez mais precocemente.

Observa-se que, por um lado, o acesso à *smartphones*, *tabletes*, computadores e outros aparelhos tecnológicos têm acarretado altos riscos para a infância que sofre alterações como a obesidade, o *déficit* de atenção e outras dificuldades na aprendizagem. Além dessas preocupações, existe o fato de que as crianças estão cada vez mais inseridas no mundo dos adultos, deixando de viver a fase da infância.

Por outro lado, é inegável a contribuição das tecnologias para a sociedade, em um contexto em que os recursos tecnológicos tem-se tornado ferramentas de aprendizagem e de trabalho, por facilitar o processo de pesquisa, além de contribuir com a interação e aproximação de diversas culturas.

Diante desse cenário, torna-se oportuna a discussão sobre os aspectos positivos e negativos da

influência exercida pela tecnologia na vida das crianças, para entender até que ponto deve-se permitir ou restringir o acesso aos diversos recursos tecnológicos durante a infância.

Acredita-se na relevância da pesquisa realizada com crianças para colher opiniões de como elas se veem na sociedade e qual é a relação infância-tecnologia. Desse modo, o estudo se torna importante por discutir temáticas atuais, mas que tem relação com a evolução histórica, resultando na maior compreensão da infância na contemporaneidade.

O interesse pela temática surgiu durante as aulas da disciplina “Infância e Sociedade” do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, em que foi realizada uma pesquisa exploratória sobre infância e tecnologia, despertando o interesse de aprofundar essa temática, para melhor entender sobre as influências exercidas pelas tecnologias na vida das crianças.

Assim, surgiram algumas indagações, tais como: As tecnologias podem exercer influências nas concepções de infância? Até que ponto as crianças estão deixando de viver a fase da infância por

*Endereço eletrônico: josiane.peres@ufms.br

**Endereço eletrônico: elizamari_liza@hotmail.com

estarem inseridas na sociedade tecnológica? As tecnologias contribuem para o desenvolvimento ou representam risco para as crianças?

Considerando o exposto, ressalta-se que o objetivo do presente estudo é investigar como historicamente a infância foi vista pelas sociedades ocidentais, destacando o papel exercido pelas tecnologias na mudança de concepções sobre a infância, evidenciando se os recursos tecnológicos contribuem para o desenvolvimento infantil ou representam riscos para as crianças na atualidade.

Para atender ao objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como: Ariès (1981), Postman (1999) e Marín-Díaz (2010) para analisar sobre as concepções de infância; Ponte e Vieira (2008), Carvalho (2009) e Cruz (2010) para refletir sobre a influência exercida pelas tecnologias durante a infância. Também foi realizada uma pesquisa de campo com 84 alunos de 5º ano do ensino fundamental, de duas escolas públicas, sendo uma do interior de São Paulo e outra do interior de Mato Grosso do Sul, cujos resultados serão apresentados logo após a apresentação da abordagem teórica, que encontra-se assim organizada: primeiramente são feitas análises históricas sobre como a infância foi vista no passado e na atualidade, para em seguida analisar sobre a questão da infância e tecnologia, conforme apresentado na sequência.

As concepções de infância: do passado à contemporaneidade

Baseando-se na obra clássica de Philippe Ariès (1981) sobre a história social da infância, é possível perceber que as crianças foram tratadas de maneira diferente da atualidade, evidenciando que, de acordo com a evolução da sociedade, a compreensão e conseqüentemente a atitude das pessoas em relação à infância passaram por transformações.

Para Ariès (1981), no período medieval o sentimento de infância não existia, o que não significava que as crianças eram negligenciadas, desprezadas ou abandonadas, uma vez que essa fase da vida estava ligada à ideia de dependência e assim que a criança conseguia se desprender de sua mãe ou ama, era inserida no mundo dos adultos. A fase da infância era pouco particularizada, até mesmo no vestuário, e tanto os adultos quanto as crianças se vestiam da mesma maneira.

Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição. [...] a Idade Média vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social. Nada, no traje medieval, separava a criança do adulto (ARIÈS, 1981, p. 32).

Durante a Idade Média, a transmissão de valores, conhecimentos e a socialização da criança não se davam por sua família, pois logo que nascia ela era designada a morar com outra família e a viver com homens, mulheres e criados, sendo assim inseridos no mundo adulto.

O autor salienta que desde a antiguidade mulheres e crianças eram consideradas inferiores e não tinham direito a um tratamento diferenciado. Antes do século XVII a criança só era paparicada enquanto pequena, sendo um instrumento de divertimento para os adultos que a tratava sem nenhum pudor, mas como um animalzinho que não tinha autonomia. Também não se acreditava na inocência infantil, visto que os pequenos presenciavam práticas sexuais ou cenas de nudez, enquanto que as pessoas adultas agiam com naturalidade ao fazê-lo na presença das crianças. Não havia pudor para com a imagem infantil. Somente no início do século XVII é que essa questão começou a gerar preocupação, momento em que as crianças começaram a ser afastadas dessas práticas, sendo então separadas dos adultos e passando a ser reconhecidas como crianças.

Cabe salientar que, na sociedade atual, qualquer prática ou brincadeira sexual perante a criança é vista como imoral ou como forma de agressão infantil, porém essa mesma situação não era vista como problemática em outros contextos históricos, porque a condição de associar crianças às brincadeiras sexuais era um costume do período medieval. Observa-se, mediante os estudos de Ariès (1981), que não havia restrições relativas à prática sexuais diante das crianças e a sociedade não acreditava que era possível macular a inocência infantil, simplesmente porque não existia essa inocência. Evidencia-se, deste modo, que a curiosidade das crianças em relação à sexualidade é algo que sempre existiu, contudo o que antes era visto como “normal” passou a ser entendido como

proibido, restrito e imoral.

Em meados do século XVII começa a surgir uma nova preocupação com a educação e a moral da criança, que era desconhecida na Idade Média. Foi nesse período que a criança ganhou um traje particular, fato que se tornou um marco na formação do sentimento de infância. Assim, a fase inicial da vida humana gradativamente passou a ser vista como diferente da fase adulta, surgindo a paparicação e o afeto em relação à criança (ARIÈS, 1981).

É nesse momento da História que a sociedade começa a se organizar para que as crianças fossem tratadas de maneira diferente, surgindo assim uma nova concepção de infância. Esse processo ocorre a partir de estudos realizados por moralistas e educadores do século XVII, os quais apontavam que a maneira pela qual a criança era tratada estava errada e que os pequenos deveriam ser omissos a qualquer tipo de assunto ou brincadeiras referentes à sexualidade. Aos poucos a infância foi ganhando valor e importância, já era possível observar diferenças nas vestimentas, no modo de proceder e falar entre adultos e crianças, sendo afastadas das práticas sexuais. Assim, o que antes era liberado passou então a ser proibido, mediante a construção da imagem de um ser frágil e inocente.

É ainda nesse século que surge literaturas pedagógicas destinadas aos pais e aos educadores, a fim de que todos reconhecessem a criança como um ser inocente, a qual não deveria mais estar no meio dos adultos trabalhando, comendo, dormindo ou se divertindo. Em suma, era necessário que a criança ficasse separada para garantir a sua condição infantil.

Ao refletir sobre a infância na atualidade, Postman (1999) ressalta que essa fase da vida está sendo novamente roubada porque as crianças estão apresentando comportamentos semelhantes aos dos adultos, inclusive na maneira de se vestir. Paralelamente, o acesso às informações, que nos séculos XIX e XX eram restritos aos adultos, tornou-se acessível também ao público infantil.

A tipografia criou um novo mundo simbólico que exigiu, por sua vez, uma nova concepção de idade adulta. A nova idade adulta, por definição, excluiu as crianças. E como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem

habitar. Esse outro mundo veio a ser conhecido como infância (POSTMAN, 1999, p. 34).

Em sua perspectiva, os meios de comunicação afetam diretamente o processo de socialização, como é o caso da imprensa tipográfica que possibilitou a difusão dos escritos e sua acessibilidade estimulou a alfabetização, separando os que sabiam ler dos que não sabiam. Essa característica influenciou a fase infantil porque um dos fatores que diferenciava a criança do adulto era sua condição em relação à leitura, o fato de não poder ter acesso a muitas formas de informações. Porém, a mídia eletrônica tem contribuído para o desaparecimento da infância porque “[...] biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e para ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens” (POSTMAN, 1999, p. 94). Percebe-se que, o privado de outrora, agora se torna comum no mundo das crianças, por elas terem acesso a diferentes formas de informações.

Ao fazer uma análise sobre a infância no passado e na atualidade, Marín-Díaz (2010) sugere que Lock, Rosseau, Kant e Pestalozzi foram os filósofos que exerceram influências significativas na nova concepção de infância, contribuindo para uma transformação na forma de refletir e discutir sobre essa fase da vida. Tais filósofos acreditavam que a fase da infância é diferente da idade adulta e que deveria ser respeitada de acordo com as suas especificidades. Rosseau, por exemplo, entendia que a criança não deve ser vista como um adulto em miniatura, mas como criança. Para Fabril (2008), essa forma de compreender a infância influenciou, no início do Século XX, no processo de elaboração da teoria Psicogenética de Jean Piaget, sobre as etapas do desenvolvimento cognitivo. Tal teoria contribuiu para a compreensão de construção de conhecimento ocorrido pelo sujeito, desde o seu nascimento, possibilitando assim o surgimento de práticas pedagógicas que passaram a considerar as fases de desenvolvimento infantil.

No caso do período que antecede o Século XVII, Marín-Díaz (2010, p. 199) denomina de “Infância Moderna Clássica” porque não havia interesse pelo que a criança sentia ou pensava. O que predominava era uma rigidez em que as crianças eram obrigadas a aceitar o que lhes era imposto. Porém, ao se alcançar a valorização do sentimento de infância, a partir do Século XVII, a

sociedade passou a ter interesse por essa fase e a estudá-la como sujeito social, momento em que a autora denomina como “Infância Moderna Liberal” (Idem, p.199), a qual é contra a ideia de que a criança tem que aceitar tudo que lhe é imposto.

No contexto atual, nas sociedades ocidentais industrializadas, as crianças não somente passaram a ter uma opinião própria, como também se tornaram consumidores em potencial. As indústrias culturais como cinema, televisão, rádio, videogames, *internet*, música são responsáveis pelas mudanças que vem ocorrendo nas formas de ser, agir, se comportar, falar, desejar e consumir das crianças. Também existem as empresas multinacionais que buscam conquistar novos consumidores e sabem que muitas vezes as crianças influenciam as famílias no processo de compra de produtos diversos. Para Marín-Díaz (2010), a cultura, baseada nos interesses do mercado, contribuiu para que ocorresse a chamada crise da infância e essa mesma cultura influencia no sentido de contribuir com a manutenção do machismo, racismo e discriminação, os quais são internalizados pelas novas gerações.

Assim, é possível afirmar que a posição a qual a criança se encontra na sociedade está diretamente ligada ao contexto social e cultural em que ela está inserida. Dessa forma, algumas crianças parecem exercer maior poder de escolha e consumo, porém elas estão ou deveriam estar sujeitas à orientação dos adultos que são responsáveis por elas, inclusive em relação às diferentes formas de comunicação em que se têm acesso.

Uma análise interessante feita por Marín-Díaz (2010), em relação à infância na atualidade, refere-se à inocência infantil, entendida como um mito, porque a realidade de muitas infâncias não condiz com esse conceito de inocência e pureza. Muitas crianças passam por problemas sociais que as colocam fora dessa linha de infância; as características atribuídas à infância não se aplica aquelas que vivem na pobreza e miséria, sendo sujeitada a maus tratos, drogas, violência. Em várias situações, a criança pobre e negra é considerada uma ameaça à sociedade, sendo associada a práticas de delinquência e sexualidade desenfreada, o que a impossibilita de ser considerada como um ser inocente e puro.

Em geral as pessoas têm a percepção de infância como se tratasse de uma fase da vida que é universal e semelhante para todas as crianças. No

entanto, muitas trabalham, são violentadas, vivem nas ruas, não são cuidadas ou protegidas pelos adultos, sendo vistas como problemas sociais. Para Ariès (1981), nem todas as crianças têm seus direitos garantidos, pois existem diversas condições sociais, econômicas e culturais que interferem diretamente na maneira pela qual a sociedade compreende e se comporta em relação à fase inicial da vida humana.

Na atualidade existem novos elementos que exercem fortes influências na vida das crianças, como é o caso das tecnologias que estão disponíveis em diversos grupos sociais, possibilitando que os pequenos tenham acesso a informações, muitas vezes sem o acompanhamento dos adultos. Dessa maneira, faz-se necessário uma maior reflexão frente à temática que aborda sobre a influência que a tecnologia exerce em relação às crianças.

Infâncias e tecnologias

As tecnologias fazem parte da vida cotidiana das pessoas e encontram-se presentes na sociedade, na vida familiar e no contexto escolar. É possível observar que o uso das tecnologias como televisão, computador, celular, entre outros, têm se tornado cada vez mais acessíveis à boa parte da população. Pessoas de várias faixas etárias, incluindo as crianças, estão tendo acesso ao computador, bem como a *smartphones* com acesso à *internet*. Muitas vezes se observa bebês deslumbrados com as cores vibrantes que aparecem nas telas, interagindo com os aparelhos tecnológicos, se familiarizando com as mídias desde o início da vida.

Diante desse cenário, Postman (1999) sugere que a concepção de infância tem entrado em declínio, suas características não correspondem ao conceito conquistado ao longo dos séculos, como uma fase de inocência e pureza. Na atualidade, essa visão tem sido deturpada pelo livre acesso aos meios de comunicação, pois o mesmo conteúdo em que os adultos têm acesso, as crianças também o têm.

Ao constatar que desde muito cedo as crianças têm contato com algum tipo de aparelho eletrônico, seja um computador, um *videogame*, um tablete, um celular, ou um aparelho de DVD, Machado (2011) menciona que esse acesso precoce às tecnologias tem provocado alguns questionamentos acerca do desenvolvimento social,

afetivo e cognitivo durante a infância. As crianças estão preferindo o mundo virtual (jogos eletrônicos e redes sociais) do que as brincadeiras tradicionais, as quais promovem a interação social e o desenvolvimento físico.

O nível de atividade física nas crianças tem demonstrado que a tecnologia tem ganhado espaço no mundo das crianças e vem diminuindo a atividade física na infância, as crianças vem se tornando cada vez mais sedentárias por hábitos como assistir televisão, jogar videogame, usar computador (MACHADO, 2011, p. 13).

A tecnologia está silenciosamente isolando as crianças do mundo real e, nesse contexto, já não é tão comum vê-las brincando nas ruas, gastando energia com as brincadeiras tradicionais como pega-pega¹, esconde-esconde², futebol e betes³. Para muitos familiares, essas brincadeiras ao ar livre estão se tornando perigosas diante do mundo violento que existe na atualidade, porém eles não percebem que, ao presentear as crianças com aparelhos eletrônicos, poderão possibilitar que informações consideradas inapropriadas, sejam acessadas durante a infância. O uso exagerado das tecnologias também desconstrói o vínculo familiar e social das crianças e adolescentes que estão exercendo um bom relacionamento com o mundo virtual, mas não estão se relacionando tão bem nas relações presenciais (PAIVA; COSTA, 2015).

Ao refletir sobre esses fenômenos da atualidade, Cruz (2010) sinaliza que ao passar tanto tempo em um mundo irreal, o indivíduo acaba afetando sua personalidade, pois as habilidades de se expressar e se relacionar com outras pessoas se dão pelo contato pessoal e este não é tão intenso no mundo tecnológico, como no mundo real. O computador tem deixado de ser uma ferramenta de trabalho e se tornado um eletrodoméstico comum nos lares e, desse modo, as crianças estão tendo um contato maior com esses recursos tecnológicos, cujas consequências podem ser positivas, desde que os pais coloquem restrições, mas na maioria das vezes isso não acontece.

No que se refere ao âmbito escolar, Cruz (2010) é categórico em dizer que ainda não houve provas de que o uso do computador ajuda ou melhora o desempenho dos alunos em sala de aula, além disso, faltam profissionais capacitados para incluir as novas tecnologias no desenvolvimento das

aulas. Muitas vezes o computador em sala de aula, ou até mesmo em casa, gera uma desconcentração no aluno, que ao invés de realizar as pesquisas necessárias para fazer o dever, acaba entrando em *sites* impróprios, afetando o seu desempenho escolar.

Já Carvalho (2009) enfatiza que a Lei de Diretrizes e Bases propõe uma prática educativa condizente com a realidade da sociedade e suas necessidades para a integração do cidadão no mercado de trabalho. Desse modo, os recursos tecnológicos utilizados na escola devem ser vistos como uma ferramenta na aquisição de novos conhecimentos, se tornando essencial para auxiliar o aluno em sua inserção na sociedade de base tecnológica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a leitura e a escrita são processos complementares que se relacionam e se modificam mutuamente durante o processo de letramento do indivíduo, entendido como a capacidade de entender o que se lê e escreve, relacionando com o contexto e práticas sociais (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007). Assim, é necessário observar que a compreensão se constitui antes mesmo da leitura e escrita propriamente dita, pois desde pequenas as crianças já reconhecem símbolos, jogos, imagens que lhe sejam interessantes.

Nesse contexto é que surge a preocupação com as imagens e códigos as quais as crianças estão acessando na *internet*, pois antes mesmo de saber ler, as crianças já reconhecem símbolos e imagens que estão constantemente expostas nos celulares e computadores dos adultos. Outra preocupação é com o uso dos celulares e computadores que possuem um dispositivo de comando de voz no *Google* (um site de pesquisa) facilitando o acesso das crianças as mais variadas buscas, algumas inadequadas para a faixa etária infantil.

Uma pesquisa realizada em 18 países, entre o ano de 2000 a 2006, que teve como objetivo analisar a relação de crianças e jovens com o mundo digital, levou em consideração 235 estudos que fazem parte do projeto “EU Kids Online”, financiados pela Comissão Europeia. A pesquisa indicou crianças, pais e educadores como grupo-alvo, visto que na maioria das vezes estão ou podem estar em contato com conteúdos ilegais, lesivos e ofensivos, de natureza sexual, violenta e racista. Os resultados evidenciaram que a *internet* em si não é

boa nem má, tudo depende do uso que se faz dela, e que além de um possível risco, a *internet* é também uma oportunidade. Ela iguala as classes sociais ao permitir o acesso às mesmas informações, possibilita a interação entre pessoas de outros países e culturas, se tornando uma ferramenta que possibilita várias vantagens (PONTE; VIEIRA, 2008).

Esses mesmos 235 estudos analisados sinalizaram que de forma geral a *internet* representa riscos que geram preocupação, como acesso a páginas da *web* inapropriadas, excesso de tempo navegando, etc. Porém, o maior risco representado pela *internet* não resulta do seu uso, mas do seu não uso, visto que se tornou uma ferramenta básica de comunicação do século XXI e aqueles que não estão aptos a usá-la ficam em desvantagem.

Outra questão levantada por Ponte e Vieira (2008), refere-se ao rendimento escolar proveniente do uso da *internet*. Os estudos analisados indicaram que os estudantes que têm acesso à *internet*, tanto em casa quanto na escola, apresentam melhores resultados acadêmicos em relação àqueles que têm acesso unicamente na escola.

Evidencia-se, dessa forma, que ainda é melhor as crianças terem acesso à *internet* ou outras formas de tecnologias, pois os resultados são favoráveis ao aprendizado. No entanto, cabe aos familiares acompanhar os pequenos, para saber quais as informações estão sendo acessadas durante a infância. Nesse sentido, a pesquisa empírica apresentada no presente estudo aborda sobre a temática inerente ao uso de tecnologia na infância, cujos resultados são apresentados logo após a explicação dos procedimentos metodológicos.

Procedimentos metodológicos

Diante do objetivo do presente estudo, que consiste em investigar como historicamente a infância foi vista pelas sociedades ocidentais, destacando o papel exercido pelas tecnologias na mudança de concepções sobre a infância, evidenciando se elas contribuem para o desenvolvimento ou representam riscos para as crianças, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que abordam sobre a perspectiva histórica e social relativa à construção do conceito de infâncias.

Para Prodvanov e Freitas (2013, p. 54), a pesquisa baseada no levantamento bibliográfico

ocorre por meio de “[...] material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet”. Acrescentam que esse tipo de investigação “[...] coloca o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (p. 54).

O critério para a escolha dos autores que fundamentaram a pesquisa bibliográfica foi de priorizar uma obra clássica sobre a história social da infância, como a de Ariès (1981), além de outros autores que discutem a temática na atualidade, como Postman (1999) e Marín-Díaz (2010). Em relação às tecnologias, foram priorizados pesquisadores que investigam sobre esse assunto na atualidade, como Carvalho (2009), Cruz (2010), Paiva e Costa (2015), incluindo resultados de uma pesquisa mencionada por Ponte e Vieira (2008), sobre a influência exercida pelas tecnologias durante a infância.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada também uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e quantitativa nos Estados de Mato Grosso do Sul (MS) e São Paulo (SP). Para tal, foi feita a opção por utilizar como instrumento de pesquisa, um questionário que, conforme Amaro et. al. (2005), visa obter informações detalhadas por meio de uma linguagem simples e direta, bem como identificar opiniões diversas, que sinalizam interesses e expectativas em relação à temática investigada.

Por tratar-se de um questionário com três questões abertas e seis questões fechadas, a pesquisa caracteriza-se como sendo de natureza qualitativa -. Para Neves (1996), as pesquisas de natureza qualitativa tem o objetivo de traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, procurando reduzir a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre os teóricos que sustentam o assunto em questão e os dados coletados, entre contexto e ação.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas públicas municipais, sendo uma na cidade de Aramina SP com população estimada de 5.519 habitantes (IBGE, 2016a) e outra na cidade de Naviraí MS, com população estimada de 52.367 habitantes (IBGE, 2016b), ambas no interior de seus respectivos Estados. A intenção de realizar a pesquisa em dois Estados diferentes se deu pelo fato de que o Mato Grosso do Sul é visto como interior do país e ainda assim apresenta um grande número

de aparelho celular por pessoa (IBGE, 2015), ultrapassando o Estado de São Paulo, que é visto como uma das regiões mais desenvolvidas do Brasil.

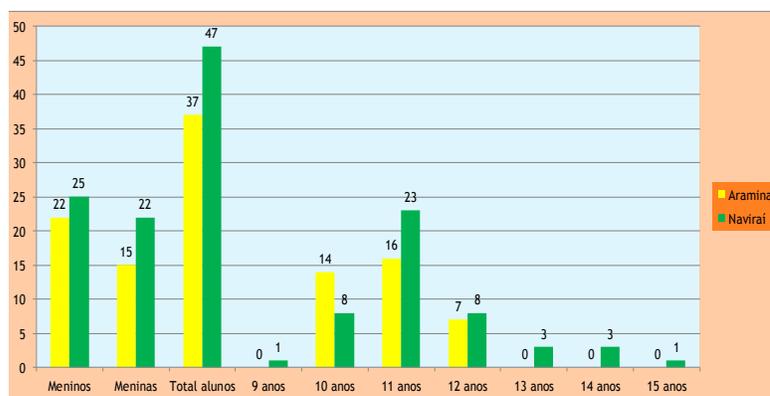
A princípio foi feito contato com a direção das escolas, explicando o motivo da pesquisa e solicitando a autorização para fazer a coleta de dados com as turmas de 5º ano do ensino fundamental. Após a permissão, foi agendado um horário, de acordo com a disponibilidade dos professores, tendo o cuidado de não prejudicar o andamento das atividades escolares. No dia combinado, foi feito contato com os alunos, que juntamente com a professora regente da sala, se comprometeram em responder ao questionário, sem

escrever o próprio nome para evitar a identificação. Em seguida, foi feita a leitura de cada questão, que era respondida, para então passar para a próxima pergunta, sendo ao mesmo tempo sanadas as dúvidas dos participantes.

Participaram do estudo 84 (oitenta e quatro) alunos que estavam cursando o 5º ano do ensino fundamental, sendo feita a opção por esse nível de ensino por se tratar de crianças alfabetizadas e com maiores condições de responder ao questionário. A pesquisa foi dividida em duas turmas em cada escola, totalizando 47 alunos na cidade de Naviraí e 37 alunos na cidade de Aramina, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1: Perfil dos Participantes da Pesquisa

Pesquisa em Aramina e Naviraí										
Cidade	Meninos	Meninas	Total alunos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos
Aramina	22	15	37	-	14	16	7	-	-	-
Naviraí	25	22	47	1	8	23	8	3	3	1



Fonte: Mathias (2017)

Os dados obtidos mediante a realização da coleta de dados em Aramina e Naviraí foram lidos e analisados, cujos resultados são apresentados na sequência, com as respectivas discussões fundamentadas em alguns pesquisadores ou documentos oficiais.

Resultados e Discussões da Pesquisa Empírica

A princípio os alunos responderam sobre como se consideravam nessa fase da vida, se eram crianças, pré-adolescentes ou adolescentes. Os dados obtidos da cidade do interior de São Paulo mostram que 29,73% se consideram crianças, 67,57% se consideram pré-adolescentes e (2,7%) consideram-se como adolescentes. Já na cidade do

interior do Mato Grosso do Sul, 19,15% dos alunos entrevistados se consideram crianças, 72,34% se consideram como pré-adolescentes e 8,51% consideram-se como adolescentes. Ao analisar tais resultados é possível constatar que a maioria dos alunos da cidade de Aramina/SP possui menor idade em relação aos alunos da cidade de Naviraí/MS, talvez por esse motivo se considerem crianças.

Essa diferença acontece pelo fato de que no estado de SP as crianças iniciam o ensino fundamental com a idade de 6 anos e na cidade de Naviraí, nas escolas de rede municipal de ensino, até o ano de 2016, as crianças iniciavam o ensino fundamental com a idade de 7 anos.

De acordo com a Resolução nº 06 do Conselho Nacional de Educação, devem ser

matriculadas no 1º ano do ensino fundamental a crianças que completarem 6 anos até o dia 31 de março (BRASIL, 2010). Embora a legislação seja de âmbito Nacional, parece que cada município faz adequações e, dessa forma, existem diferenças, enquanto na cidade de Aramina as crianças iniciam o ensino fundamental com menor idade, em Naviraí iniciam mais tardiamente.

Quanto a serem consideradas como crianças ou adolescentes, cabe ressaltar que, conforme Gonçalves (2016), não existe uma idade definida que marca o fim da infância, visto que a entrada na adolescência depende de mudanças corporais, que são diferentes para meninas e meninos, em geral as meninas amadurecem mais rapidamente. Por outro lado, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Art. 2º, estabelece que o termo criança é designado para pessoa de até 12 anos de idade incompletos e adolescente refere-se a pessoas que possuem 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Uma das perguntas do questionário referia-se à quais brincadeiras as crianças mais gostavam, sendo uma questão aberta para que os alunos se sentissem livre para respondê-la. As respostas foram variadas e semelhantes nos dois Estados, sendo consideradas as mais citadas como futebol, basquete, vôlei, pega-pega, pique esconde, queima, andar de bicicleta, *video game*, jogar no celular, ou ficar no computador navegando na *internet*. Totalizando uma média de 85% de brincadeiras ao ar livre e 15% de brincadeiras utilizando aparelhos tecnológicos.

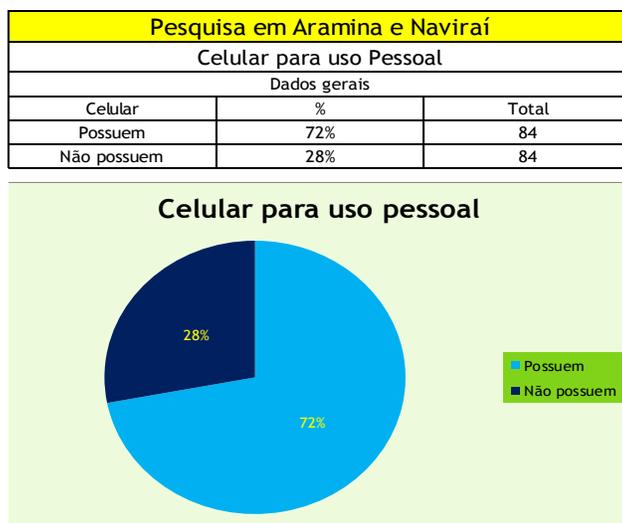
Esse dado, obtido junto às crianças investigadas, contradiz a ideia de Paiva e Costa (2015), de que as crianças do século XXI não mais praticam brincadeiras ao ar livre como: pega-pega, jogar bola, correr e pular, tornando-se cada vez mais sedentárias, obesas, com déficit de atenção e dificuldades de aprendizagem. O que foi possível notar é que as crianças ainda brincam dessas brincadeiras e as consideram como tais, porém elas o fazem mais intensamente na escola, nos

momentos de recreação como no intervalo ou nas aulas de educação física. Na escola o acesso à *internet* acontece apenas em alguns momentos de aulas planejadas. Já em casa o acesso às novas tecnologias é frequente, corroborando com as preposições de Machado (2011, p. 13), de que a tecnologia tem ganhado espaço no mundo das crianças e vem diminuindo a atividade física na infância.

Ainda pensando em obter informações sobre os principais prazeres das crianças, foi feita a seguinte pergunta: Que outros tipos de entretenimento você gosta? Houve uma diferença significativa nas respostas obtidas nas duas cidades, uma vez que 60% das crianças de Aramina/SP citaram como principal entretenimento pescar, nadar, desenhar, comer, andar de bicicleta e ir ao shopping, enquanto que 40% mencionaram o celular, filmes e jogos como entretenimento. Já na cidade de Naviraí as respostas predominantes se relacionavam mais uma vez com a questão tecnológica, sendo que 76,60% dos entretenimentos citados foram computador, celular, filmes e vídeos, enquanto que 23,40% dos alunos mencionaram a leitura, o passeio em família ou andar de bicicleta e patins como forma de entretenimento.

Sobre a existência de aparelhos tecnológicos (televisão, rádio, tablete, celular e computador), que as crianças tinham acesso em casa. Os dados evidenciam que a grande maioria possui televisão, totalizando 95% na cidade de Aramina e 98% na cidade de Naviraí, seguida de rádio 81% Aramina e 74% Naviraí, tablete 57% Aramina e 47% Naviraí, celular 100% Aramina e 98% Naviraí e por último computador 84% Aramina e 62% Naviraí. Não se percebe diferença significativa entre os dois Estados investigados, evidenciando que as famílias estão tendo muito acesso à *internet*, seja pelo celular, tablete ou computador. Já quando perguntados sobre um celular para uso pessoal as crianças revelam que ter um celular nessa idade é algo comum (Gráfico 2).

Gráfico 2: Aparelho Celular Para Uso Pessoal dos Alunos



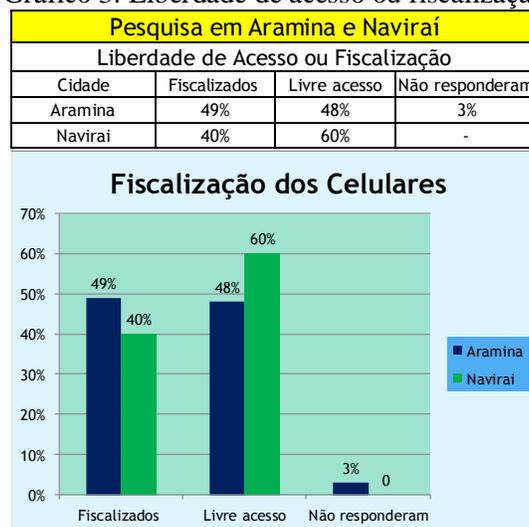
Fonte: Mathias (2017)

Cabe ressaltar que dados do IBGE (2015) revelam que em 2013 a região Centro-Oeste destacava-se com a maior proporção de pessoas com telefone móvel celular para uso pessoal, em população de 10 anos ou mais de idade, totalizando 83,8%. A Unidade da Federação com o maior percentual de pessoas com telefone celular era o Distrito Federal (89,4%), seguido por Mato Grosso do Sul (83,5%). O percentual de pessoas de 10 a 14

anos que tiveram acesso à internet, nos últimos três meses que antecedia a pesquisa, era de 65,2% em todo o país (IBGE, 2015).

Quando indagados se faziam uso da *internet* sem a fiscalização dos pais ou se eram fiscalizados pelos pais ou responsáveis, os alunos do Mato Grosso do Sul sinalizaram que têm maior liberdade ao acesso à *internet* (Gráfico 3).

Gráfico 3: Liberdade de acesso ou fiscalização



Fonte: Mathias (2017)

Aos participantes da pesquisa foi feita a seguinte pergunta aberta: “Tem algo proibido que você já pesquisou no Google?” Em caso afirmativo os alunos deveriam escrever o que já pesquisaram.

Os dados apontam que, entre o total, a maioria (57% na cidade de Aramina e 64% na cidade de Naviraí), afirma que nunca pesquisou nada proibido no Google, sendo que uma das crianças justificou:

- “Não, mas se pesquisar minha mãe vê e me bate” (Menina, 11 anos, MS).

Entre os que responderam sim, que já pesquisaram algo proibido, destacam-se as principais afirmações:

- “Sim, palhaço assassino” (Menino, 10 anos, SP).

- “Sim, sobre sexo” (Menino, 11 anos, SP).

- “Sim, de onde eu vim” (Menina, 11 anos, SP).

- “Sim algumas coisas de morte e pesquisa para saber o que é sexo” (Menina, 10 anos, SP).

- “Sim, X Videce” (Menino, 12 anos, SP).

- “Sim, Pornô Brasil” (Menino, 10 anos, SP).

- “Sim, armas, pentibol, palhaço assassino” (Menino, 10 anos, SP).

- “Sim, armas violentas” (Menino, 11 anos, SP).

- “Sim pornografia” (Menino, 13 anos, MS).

- “Sim: XXN⁴⁹” (Menino, 12 anos, MS).

- “GTA, FBI, Playboy, Sexo” (Menino, 12 anos, MS).

- “XXN” (Menina, 14 anos, MS).

É de considerar que nessa faixa etária o corpo da criança encontra-se em processo de transformação devido à entrada na adolescência, despertando interesse sobre a sexualidade. Essa curiosidade relativa aos assuntos sexuais já existia no período Medieval, mas após o século XVII as crianças ficaram omissas a esse tipo de informação.

No entanto, essas informações estão novamente acessíveis, pois ao digitar a palavra “sexo” no *Google* aparecem 481.000.000 resultados em apenas 0,25 segundos, incluindo imagens e vídeos geralmente de natureza pornográfica.

Tendo em vista que havendo a curiosidade há muitas informações na *internet*, e nem todas são confiáveis, cabe ao adulto orientar a criança quanto ao uso apropriado dessas tecnologias. Para Buckingham (2002), a criança tem direito sobre a mídia, mas deve ser orientada, protegida e instruída por uma educação que a torne capaz de compreender e fazer uso dessas tecnologias de informação e comunicação. Porém, aqueles que protegem a infância (pais, professores, sacerdotes) também podem ser aqueles que se tornam seus agressores.

Outra indagação do instrumento de pesquisa referia-se à quanto tempo cada criança gastava acessando as redes sociais. Como pode ser evidenciado (Gráfico 4), entre os participantes da pesquisa de Aramina SP, 54% ficam muito tempo (mais de duas horas diárias) e 43% não acessam muito as redes sociais (menos de duas horas diárias), 3% não responderam. Já em Naviraí, 53% alegam que gastam muito tempo e 47% ficam pouco tempo acessando as redes sociais. É possível perceber que em média tanto os alunos de Aramina quanto os de Naviraí passam um tempo significativo acessando as redes sociais.

Gráfico 4: Acesso às Redes Sociais

Pesquisa em Aramina e Naviraí			
Tempo gasto acessando as Redes Sociais			
Cidade	Muito tempo	Pouco tempo	Não responderam
Aramina	54%	43%	3%
Naviraí	53%	47%	-



Fonte: Mathias (2017)

Ao serem questionadas se utilizavam a

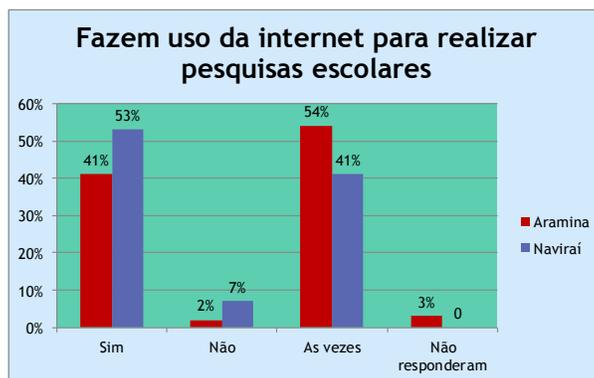
internet para realizar trabalhos escolares, as crianças

revelam que estão utilizando a *internet* mais para o entretenimento do que para a realização de

pesquisas escolares, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5: Uso da Internet para Pesquisas Escolares

Pesquisa em Aramina e Naviraí				
Usam a Internet para realizar pesquisas escolares				
Cidade	Sim	Não	As vezes	Não responderam
Aramina	41%	2%	54%	3%
Naviraí	53%	7%	41%	-



Fonte: Mathias (2017)

Essa pouca utilização da internet para fazer atividades escolares pode acontecer porque geralmente a escola não apresenta infraestrutura adequada e nem formação específica para os professores, que não usam com frequência as tecnologias em suas aulas. Assim, os alunos não percebem que também podem aprender com estes recursos tecnológicos em âmbito escolar e acabam por utilizá-los em outros locais, mas para outras finalidades.

De acordo com Buckingham (2010), a maioria das experiências dos jovens com a tecnologia acontece fora da escola e o uso que as crianças fazem da *internet* fora da escola envolve diversas atividades. Elas procuram informações diversificadas, baixam músicas e filmes, postam suas próprias fotos, fazem compras e conversam em salas de bate-papo, mas não estão muito preocupadas com a educação, ao acessar as tecnologias.

Considerações Finais

Com base no estudo realizado, é possível perceber que historicamente houve mudanças nas concepções de infância ao longo dos séculos. Até o período medieval as crianças eram vistas como adultos em miniatura e participavam de todas as atividades exercidas pelos adultos. A partir do

século XVII, surge o sentimento de infância e as crianças foram separadas do mundo adulto, sendo valorizadas a inocência e pureza infantil.

Na atualidade, existem muitas semelhanças entre adultos e crianças, principalmente na maneira de interagir com a sociedade por meio dos aparelhos tecnológicos. Se no passado as crianças tinham acesso a diversas informações adultas, como as sexuais, por exemplo, e depois a sociedade passou a omitir muitas informações consideradas inadequadas para a infância, com o advento das tecnologias tornou-se possível às crianças terem acesso novamente aos mesmos conhecimentos que os adultos.

Tais proposições podem ser percebidas pelas respostas das crianças que participaram do presente estudo, mediante a constatação de que: a maioria faz uso de aparelhos tecnológicos como forma de entretenimento; as crianças possuem certa liberdade para utilizar as tecnologias; algumas entram em contato com conteúdos considerados inapropriados para a infância, como o acesso a *sites* de conteúdo pornográfico; apesar do acesso aos jogos eletrônicos, as crianças também brincam ao ar livre, principalmente na escola.

Embora nos dois Estados pesquisados as crianças tenham mencionado brincadeiras ao ar livre e recursos tecnológicos como formas de entretenimento, houve diferença em relação à

quantidade: em Aramina SP 60% dos entretenimentos são ao ar livre (pescar, nadar, andar de bicicleta...) e 40% tecnológicos (celular, filmes, jogos eletrônicos...), enquanto que em Naviraí MS 23,40% são ao ar livre (passeio em família, andar de bicicleta e patins...) e 76,60% são eletrônicos (computador, celular, filmes...). Um dos motivos pode ser a diferença de idade, pois em Aramina os alunos eram em média mais novos que os de Naviraí, apesar de estarem no mesmo nível de ensino. Também se observou que em Aramina há um controle maior por parte dos familiares (49%), em relação ao uso dos recursos tecnológicos, se comparado a Naviraí (40%).

Diante desse cenário, ressalta-se sobre a necessidade de os pais ou responsáveis acompanharem as crianças em relação ao acesso às diversas formas de tecnologias, porque ao fazer parte da sociedade atual, tanto os adultos quanto as crianças têm direitos a utilizar os recursos tecnológicos. Além do mais, as tecnologias contribuem para o desenvolvimento das crianças que estão cada vez mais utilizando esses mecanismos como uma ferramenta de aprendizado. Porém, é necessário o acompanhamento dos adultos para evitar riscos provenientes de informações indesejadas, como pornografia, pedofilia, entre outros.

Embora não tendo a intenção de esgotar a temática, evidencia-se mediante a realização da pesquisa que as tecnologias podem representar riscos para a infância, mas também contribuem para o desenvolvimento infantil, sendo necessário que os adultos acompanhem e garantam a proteção das crianças, tanto no mundo real quanto virtual.

Notas

- 1 Jogo que consiste em dois tipos de jogadores: os pegadores e os que devem evitar ser apanhados. Os primeiros devem tocar nos segundos, que automaticamente vira o pegador a depender do modo da brincadeira.
- 2 O objetivo é esconder e não ser encontrado por quem vai procurar. O que vai procurar tem os olhos tampados até que termine uma contagem, enquanto os outros se escondem. O encarregado de procurar os escondidos será vencedor apenas se encontrar todos os participantes, antes que algum retorne ao ponto de partida. O primeiro dos

escondidos que voltar para o ponto de partida, vence a brincadeira.

- 3 O objetivo principal do jogo é rebater a bola lançada pelo jogador adversário, sendo que durante o tempo em que o adversário corre atrás da bola, a dupla que rebateu deve cruzar os Betes, também chamados de taco ou remos, no centro do campo, fazendo assim um ponto cada vez que cruzam os tacos. Vence a dupla que fizer mais pontos.
- 4 Termo que se refere a um tipo de site pornográfico.

Referências

- AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. *A arte de fazer questionários*. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wpcontent/uploads/2015/03/A-arte-de-fazer-question%C3%A1rios.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- ARIÈS, Philip. *História social da criança e da família*. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 06/10, de 20 de outubro de 2010. *Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil*. Brasília, 2010.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília. CBIA, 1990.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa*. 1ª a 4ª série. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BUCKINGHAM, David. *Creecer en la era de los medios electrónicos, Tras la muerte de la infancia*. Tradução de Roc Filella. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, Porto Alegre RS, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077/10270>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CARVALHO, Rosiani. As tecnologias no cotidiano. *Dia a Dia Educação*: Portal Educacional do Estado do Paraná. Curitiba, SEED, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CRUZ, M. Vinicius Maia da; RAMOS, Matheus Edson; BOSCARIOL, Matheus Salgado – Aleixo, Robson Pereira. *Informática e Educação – pontos negativos*. Universidade de São Paulo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação – USP – São Paulo-SP, 2010.

FABRIL, F. R. *Jean Piaget na pedagogia: um estudo das fontes referenciadas na psicologia da educação*. 2008, 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UEM, Maringá, 2008.

GONÇALVES, Josiane Peres. Ciclo Vital: Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana, Possíveis Contribuições Para Educadores. *Revista Contexto & Educação*. Ijuí RS, v. 31, n. 98, p. 79-110, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5469>>. Acesso em 03 nov. 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2013*. Rio de Janeiro, IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades, São Paulo, Aramina*. População estimada em 2016. Rio de Janeiro, IBGE, 2016a. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350300>>. Acesso em 10 jan. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades, Mato Grosso do Sul, Naviraí*. População estimada em 2016. Rio de Janeiro, IBGE, 2016b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500570>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. Morte da Infância Moderna ou Construção da Quimera Infantil? *Educação & Realidade*, Porto Alegre RS, v. 35, n. 3, p. 193-211, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13085>>. Acesso em 10 jan. 2017.

MACHADO, Yara Líbia. *Sedentarismo e suas Consequências em Crianças e Adolescentes*. (Monografia). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso da graduação em Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia Sul de Minas Gerais Cecaes de Muzambinho, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. *Construir Notícias*. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov./dez., 2007.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo SP, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? *Psicologia. PT*, p. 1-12, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2017.

PONTE, Cristina; VIEIRA, Nelson. Crianças e Internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. *Anais. 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga PT. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2008, p. 2732-2741.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Sobre as autoras

Josiane Peres Gonçalves é Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

Elizamari Lúcio Umbelino Mathias é Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí (CPNV/UFMS).

Recebido em março de 2017.

Aprovado em novembro de 2017.